



## Mensagem do Santo Padre aos participantes do encontro de padres, religiosos e seminaristas latino-americanos que estudam em Roma, 12.12.2025

[B0978]

Queridos irmãos e irmãs,

Quando Jesus Cristo chamava Seus discípulos, Ele quase invariavelmente usava a palavra "sigam-me". Nessa breve palavra podemos encontrar o propósito mais profundo de nossas vidas, seja como seminaristas, como padres ou como membros da vida consagrada.

Se relermos os textos evangélicos do chamado, a primeira coisa que notamos é a iniciativa absoluta do Senhor. Ele os chama, sem qualquer mérito prévio por parte de seus interlocutores (cf. *Mt* 9:9; *João* 1:43) e sim que a vocação para a qual ele os chama pode ser uma oportunidade para levar a mensagem do Evangelho aos pecadores e aos fracos (cf. *Mt* 9:12-13). Dessa forma, seus discípulos tornam-se instrumentos do plano de salvação de Deus para todos os homens e mulheres (cf. *Jo* 1:48).

Ao mesmo tempo, o Evangelho nos exorta a tomar consciência do compromisso envolvido em responder a essa vocação. Ele fala a nós de algumas exigências que podemos identificar no chamado frustrado ao jovem governante rico (*Mt* 19:21): a exigência pela primazia absoluta de Deus, o único bem (v. 17); a exigência pela necessidade imperativa de conhecimento teórico e prático da lei divina (v. 18-19) e a exigência de desapego de toda segurança humana, com a consequente oferta de tudo o que somos e do que temos (v. 21).

São Ambrósio, em sua exegese da surpreendente passagem do jovem que Jesus não permite enterrar seu pai (*Lc* 9:59), assume que, nessa exigência de deixar tudo – mesmo coisas que são justas em si mesmas – o Senhor não pretende fugir dos deveres naturais, sancionados pela lei de Deus, mas abrir nossos olhos para uma nova vida. Nele nada pode se apresentar diante de Deus, nem mesmo o que até então conhecíamos como bondade, e pressupõe a morte ao pecado e ao homem do velho mundo. Tudo isso "para que possamos estar lado a lado com Deus todo-poderoso, e ver seu Filho unigenito" (*Tratado sobre o Evangelho de São Lucas*, 40).

Para Ambrósio, essa união indispensável com Jesus, longe de nos separar de nossos irmãos e irmãs, retorna à comunhão com os outros. Não caminhamos sozinhos, fazemos parte de uma comunidade. Não somos unidos por laços de simpatia, interesses compartilhados ou conveniência mútua, mas por pertencer ao povo que o Senhor adquiriu ao preço de seu Sangue (cf. *1 Pt* 1:18-19). Nossa união tende a um valor escatológico que será verificado quando imitarmos "a unidade da paz eterna

com uma concórdia inquebrável de almas e em uma aliança infinita" e cumprirmos "o que o Filho de Deus nos prometeu quando elevou ao Pai esta oração: 'Que todos sejam um só, como nós' (*João 17:21*)" (*Tratado sobre o Evangelho de São Lucas*, 40).

Finalmente, no Evangelho de João, Jesus repete a palavra "siga-me" ao apóstolo Pedro duas vezes. Faz isso em um contexto muito diferente, a Ressurreição, logo após a tripla confissão de amor de Pedro em reparação pelo seu pecado. Embora tenha confessado seu amor, o Apóstolo não compreendia plenamente o mistério da cruz, mas o Senhor já tinha em mente o sacrifício com que Pedro daria glória a Deus e repete-lhe: "Siga-me" (*Jon 21:19*). Quando, ao longo da vida, nosso olhar fica turvo, como Pedro, no meio da noite ou através das tempestades (*Mt 14:25, 31*), será a voz de Jesus que nos sustentará com paciência amorosa.

Na segunda vez que Jesus diz a Pedro: "Siga-me", ele nos assegura que o Senhor conhece nossa fragilidade e que, muitas vezes, não é a cruz que nos é imposta, mas nosso próprio egoísmo, que se torna um obstáculo em nossa ânsia de segui-lo. O diálogo com o apóstolo nos mostra como julgamos facilmente nossos irmãos e irmãs e até Deus, sem que a docilidade aceite sua vontade em nossas vidas. Aqui também o Senhor nos repete constantemente: "O que isso importa para vocês? Sigam-me" (*Jon 21:22*).

Irmãos e irmãs, já que vivemos na sociedade do barulho confuso, hoje mais do que nunca há necessidade de servos e discípulos que proclamem a primazia absoluta de Cristo e que tenham o sotaque de sua voz muito claro em seus ouvidos e em seus corações. Esse conhecimento teórico e prático da Lei divina é alcançado, antes de tudo, pela leitura das Sagradas Escrituras, meditada no silêncio da oração profunda, na aceitação reverente da voz dos pastores legítimos e no estudo atento dos muitos tesouros de sabedoria que a Igreja nos oferece.

No meio das alegrias e das dificuldades, nossa palavra de ordem deve ser: se Cristo passou por ali, também cabe a nós viver o que Ele viveu. Não devemos nos apegar a aplausos porque seu eco é de curta duração; Também não é saudável permanecer apenas na memória do dia da crise ou dos tempos de amarga decepção. Vamos antes olhar para o fato de que tudo isso faz parte da nossa formação e dizer: se Deus quis isso para mim, eu também quero (cf. *Salmo 40:8*). O vínculo profundo que nos une a Cristo, seja como padres, pessoas consagradas ou seminaristas, tem semelhança com o que se diz aos cônjuges cristãos no dia do casamento: "na saúde e na doença; na pobreza e nas riquezas" (*Ritual de Casamento*, 66).

Que a Bem-Aventurada Virgem Maria de Guadalupe, Mãe do verdadeiro Deus para quem vivemos, nos ensine a responder com coragem e guardando em nossos corações as maravilhas que Cristo fez em nós, para que, sem demora, possamos ir e proclamar a alegria de tê-lo encontrado, de sermos um no Único e pedras vivas de um templo para sua glória. Que Maria Santíssima guarde sua passagem por Roma e interceda por você para que tudo o que assimilar em Roma seja frutífero em sua missão. Deus te abençoe.

*Do Vaticano, 9 de dezembro de 2025. Memorial de São Juan Diego*

LEÃO PP. XIV

[01775-IT.01]

[B0978-XX.01]

---

[As Audiências](#)

[Renúncias em Nomeações](#)